

Música x

NUNO CÔRTE-REAL, MARIA JOÃO & JOSÉ LUÍS PEIXOTO COM ENSEMBLE DARCOS

AGORA MUDA TUDO

28 MAR 2019
QUI 21:00
Grande Auditório
M/6

Música x

SENSIBLE SOCCERS AURORA

03 ABR 2019
QUI 21:00
Grande Auditório
M/6

Culturgest

There is something that seems profoundly right when two pianos are joined together for a concert. For our ears, the music is multiplied, branches off in different directions and then comes together again in a duplicated score that seems to create an extraordinary three-dimensionality, as if we were being offered an entry into another dimension. Then, with our eyes, we glimpse a perfect geometry when these two instruments come together on a stage, fitting their undulating forms together like the pieces of an obvious puzzle, two sides of the same music, two opposite parts facing one another, but also watching one another.

After many years of friendship and improvised conversations on stage, in March 2018, Vijay Iyer and Craig Taborn met up in Budapest in order to record their first album together as a duo, under the watchful guidance of Manfred Eicher. This was obviously an important milestone in the careers of these two famous award-winning jazz pianists, but it was also a perfect and appropriate moment for blowing out the candles in celebration of the fiftieth anniversary of the ECM Records.



©Monica Jane Frisell

Música x

VIJAY IYER + CRAIG TABORN

THE TRANSITORY POEMS

19 MAR 2019
TER 21:00
Grande Auditório
M/6

PIANO
Vijay Iyer, Craig Taborn

CONSTRUÇÃO A DOIS

Gravado ao vivo na sala da Academia de Música Franz Liszt, em Budapeste, em março de 2018, *The Transitory Poems* é o primeiro disco em duo de Vijay Iyer e Craig Taborn, dois dos mais singulares improvisadores contemporâneos. Líderes imponentes dos seus projetos, estes dois pianistas partilham uma história considerável. Começaram a tocar juntos no Note Factory de Roscoe Mitchell em 2002. Taborn e Iyer foram chamados para tocarem partituras complexas e lidarem, ao mesmo tempo, com os desafios da composição e dos arranjos espontâneos, individual e coletivamente. “O nosso duo foi formado das conquistas nesse agrupamento, em busca de música única no seu exato momento de criação”, dizem Vijay e Craig nas suas notas. Tem sido essa a demanda do seu trabalho em duo, esculpindo música em tempo real, evoluindo de concerto para concerto. “Para mim, algo nasceu do contexto de trabalho com o Roscoe”, diz Iyer, aludindo “a uma certa qualidade da escuta: como navegar, como deixar espaço ao outro, como construir a dois”.

É a colaboração construtiva que alimenta a música do duo. Tal como Craig Taborn explica, “parte da minha prática com a improvisação é mergulhar de cabeça. Eu transformo-me em audiência, ouço acontecimentos e sons e ações. Quer esteja a tocar algo ou não, é a primeira coisa de que me liberto: então posso ir ter com o que está a acontecer”. O ambiente musical é escrutinado, os detalhes embelezados, as estruturas escoradas, as densidades medidas, os ritmos encaixados, às linhas melódicas é dado espaço para emergirem e coalescerem. A música está em movimento neste mundo fugaz de *The Transitory Poems*, transformando e mudando de momento para momento. Em certas alturas, talvez preste tributo à vasta história da música para dois pianos, embora, tal como Craig ressalva, os dois intérpretes “tanto são compositores como improvisadores como pianistas orquestrais, pelo que a questão do instrumento é apenas um detalhe do contexto e não o principal objetivo”.

Ouvindo de novo a gravação, reconhecem uma “série de homenagens” a grandes artistas que profundamente os influenciaram, artistas desaparecidos recentemente. *Luminous brew* é dedicado a Cecil Taylor, o pianista que nos deu música que, com a sua intensidade, complexa polirritmia e organização sonora, continua a ser uma referência vital para muitas gerações de músicos. O título do álbum de Iyer e Taborn vem de uma entrevista a Taylor, em que a



©Pawel Wyszomirski

humanidade e todas as suas façanhas são considerados “poemas transitórios” que se revelam e manifestam diante de um cenário de montanhas que permanecerão cá para sempre. *Clear monolith* é para Muhal Richard Abrams, pianista visionário, compositor e improvisador, que alumiu o caminho para os primeiros dias do AACM (Association for the Advancement of Creative Musicians) e abriu novos caminhos por explorar à música. O pintor e escultor Jack Whitten, a quem *Sensorium* é dedicado, descreveu-se como um “expressionista quântico” nas suas *Notes from the woodshed*. Whitten recebeu muita da sua inspiração do jazz e falou na transcrição das pautas de Coltrane para pautas de luz. O último tema é dedicado a Geri Allen e insinuações do seu tema *When Kabuya dances* emerge gradualmente através da improvisação que é *Meshwork*, antes da composição de Allen, um clássico moderno, vir à tona.

VIJAY IYER + CRAIG TABORN

Gravaram juntos pela primeira vez em *Song for my sister*, de Roscoe Mitchell, em 2002. O seu primeiro disco na ECM foi também para um álbum de Mitchell, *Far side*, de 2007, recentemente reeditado na caixa *The Art Ensemble of Chicago and Associated Ensembles*. A estreia de Taborn na ECM foi igualmente com Roscoe Mitchell, em 1997, com *Nine to get ready*. Craig aparece em *Composition/Improvisation Nos. 1, 2 & 3* e *Boustophedon*, dois álbuns do Transatlantic Art Ensemble, dirigido por Mitchell e Evan Parker, bem como nos trios de Mitchell em *Bells for the south side*. Para além desta ligação muito próxima ao saxofonista, Taborn ainda colaborou noutros discos ECM: *The rub and spare change* e *Small places*, de Michael Formanek, *Imaginary cities* e *The sirens* de Chris Potter, *The Bell* de Ches Smith e *Prezens* de David Torn.

VIJAY IYER

O New York Times referiu que talvez não exista uma tela vasta o suficiente para acomodar toda a criatividade de Vijay Iyer. Cada um dos seus lançamentos na ECM mostram a abrangência do seu trabalho.

Mutations, com composições de Iyer para piano, quarteto de cordas e eletrónica, gravado em 2013, é descrito pelo The Guardian como “introspetivo, original e muito excitante”. Seguiu-se *Radhe radhe, rites of holi*, uma colaboração com o realizador Prashant Bhargava, com a revista DownBeat a elogiá-lo como “a sua mais exigente e impressionante obra, uma banda sonora brilhante para um filme inebriante”. *Break stuff* teve o popular trio de Iyer, com Stephan Crump e Marcus Gilmore, e o JazzTimes chamou-o de “sucesso esmagador”. Inspirado pela arte de Nasreen Mohamedi, *A cosmic rhythm with each stroke* juntou o pianista a Wadada Leo Smith, seu “herói, amigo e professor”, para aquilo que o Die Weltwoche chamou de “música única, fora de todos os géneros”. *Far from over*, com Vijay Iyer a liderar o seu sexteto – Graham Haynes, Steve Lehman, Mark Shim, Stephan Crump e Tyshawn Sorey – foi inundado por elogios. “Se procuram a forma do jazz do futuro, ei-lo”, escreveu a Rolling Stone. *Far from over* foi votado como álbum de jazz do ano pelos críticos da NPR, para além do prémio de grupo do ano para o sexteto e músico do ano para Vijay Iyer pela DownBeat, em 2018.

CRAIG TABORN

Avenging Angel, gravado em 2010, mostrou algumas novas direções para o piano solo. All About Jazz disse, categoricamente, sobre este álbum: “tão inebriante quanto sereno e tão evocativamente melódico quanto inquietamente recôndito, é uma obra-prima da invenção”. *Chants* (2012) apresentou finalmente o grupo com que Taborn trabalhara durante oito anos – o baterista Gerald Cleaver e o baixista Thomas Morgan. “Os temas de *Chants* são positivamente cintilantes, imaculadamente detalhados, prismáticos e improvisados”, escreveu a DownBeat.

Daylight ghosts mostrou-nos um novo quarteto mas com alguns velhos amigos – Dave King, Chris Speed e Chris Lightcap – obtendo, novamente, ótimas críticas. A revista Jazziz afirmou que este era o som “de um músico já consagrado a solidificar a sua posição nos lugares cimeiros dos pianistas e compositores contemporâneos”.